

Colóquio Cromwell: Apresentação

Desde 2001 que os docentes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto mais regularmente associados à leccionação das disciplinas da área da Cultura Inglesa vêm procurando completar a sua actividade lectiva com a organização de colóquios temáticos, tomando como pretexto a passagem de efemérides e procurando, dentro de várias modalidades, o envolvimento dos estudantes dos cursos de licenciatura e de mestrado. Estas iniciativas de carácter científico, que se têm revelado catalisadoras de estímulos para os alunos, têm incidido sobre temas tão diversos como os 150 anos da Grande Exposição de Londres de 1851, os 300 anos da coroação da rainha Ana, os 400 anos da morte de Isabel I e o centenário do nascimento de George Orwell. Destas iniciativas tem resultado invariavelmente a publicação de estudos, quer sob a forma de livro, quer inseridos em periódicos nacionais ou estrangeiros.

Na linha de tais iniciativas, teve lugar em 30 de Outubro de 2003, na FLUP, o *Colóquio Cromwell – Nos 350 Anos do Protectorado*. O Colóquio contou com a participação de docentes-investigadores de três universidades portuguesas, que apresentaram comunicações de âmbito complementar, procurando iluminar facetas distintas da realidade histórico-cultural constituída pela figura de Oliver Cromwell e da conjuntura política, social, ética e religiosa que em seu torno se definiu. Em consequência dos trabalhos do Colóquio, de que neste texto damos muito breve notícia, publicamos seguidamente dois estudos, ambos, por coincidência, da autoria de docentes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Escola cujos professores e investigadores têm regularmente colaborado nas iniciativas acima aludidas. Os restantes textos apresentados no âmbito do Colóquio não são aqui reproduzidos por entretanto terem sido publicados em outros locais.

No artigo intitulado «Cromwell: Puritanismo, Providencialismo e Pragmatismo», J. Carlos Viana Ferreira elabora um retrato multifacetado de Cromwell – o político, o chefe militar, o homem de fé – situando-o no contexto político e no panorama doutrinário do seu tempo. Explorando os paradoxos da recepção coeva de Cromwell – santo para uns (para os ingleses puritanos) e carniceiro para outros (para os irlandeses e para os ingleses e escoceses apoiantes da dinastia Stuart), – Viana Ferreira demonstra de que forma o dogma da predestinação levou

Jorge Bastos da Silva
Fátima Vieira

Cromwell a pensar-se como o escolhido de Deus para repor a ordem religiosa nas Ilhas Britânicas, por um lado, e conduziu os seus seguidores a reconhecerem-lhe legitimidade, por outro. Os paradoxos da lógica religiosa de Cromwell são também sublinhados por Viana Ferreira: apesar de ter feito a Irlanda submeter-se à lei puritana, após os massacres de Drogheda e de Wexford, Cromwell tolerou, a partir de 1653, e já investido do cargo de Lord Protector, o culto privado dos católicos e anglicanos. Do mesmo modo, no campo político, o seu pensamento libertário levou-o a promover a constituição de uma assembleia de representantes do povo inglês, mas a sua convicção de que era o instrumento da vontade divina conduziu-o a encerrar o Parlamento quando este contestou a legitimidade do seu cargo de Lord Protector. O artigo de Viana Ferreira retrata assim a complexidade da personalidade de Cromwell – o homem que, em nome da liberdade, implantou em Inglaterra um regime opressivo.

No estudo «Carlyle e Cromwell», Luísa Leal de Faria delinea uma perspectiva – para a qual modestamente reclama um carácter propedêutico, mas que configura uma abordagem de grande rigor e clareza – da reavaliação da figura de Cromwell empreendida pelo pensador vitoriano Thomas Carlyle. A autora começa por analisar o entendimento carlyleano do papel do historiador, numa época em que a historiografia dá ainda os primeiros passos em Inglaterra. Recusando a linearidade da escrita convencional da história, Carlyle reflectiu sobre a necessidade da verificação da autenticidade das fontes e atribuiu ao historiador a importante função de interpretar o significado transcendente da história. Olhando para a história como um todo que pede para ser explicado, Carlyle tentou compreender as épocas em função dos grandes homens que as marcaram. A análise da vida e da personalidade complexa de Cromwell integra-se nesta lógica do estudo da figura dos "heróis": Cromwell distinguiu-se pelo seu espírito revolucionário, pela sua luta contra o poder estabelecido e pelo reconhecimento, por parte dos seus seguidores, de uma inegável capacidade de liderança. Contrariando os relatos coevos, Carlyle traça um retrato heróico de Cromwell, vendo abnegação onde outros tinham visto ambição de poder, honestidade e sinceridade onde outros haviam visto ambiguidade. Foi o trabalho de compilação de documentos e de interpretação histórica levado a cabo por Carlyle que efectivamente inaugurou um tempo novo (moderno?) no confronto com os sobressaltos político-ideológicos do século XVII e com a figura do Protector. Foi

por essa via que se resgatou Cromwell do anátema sobre ele lançado por muitos e que era uma marca resistente dos conflitos violentos do período seiscentista.

Oliver Cromwell ocupa sem dúvida um lugar de destaque na tumultuosa história britânica do século XVII — talvez maior do que o dos monarcas da dinastia Stuart —, pela singularidade da revolução que operou nos anos de 1640 e 1650, que de forma alguma fica atrás da de 1688-89 na profundidade do seu impacto nos planos constitucional, social e mental. No confronto entre esse homem singular e o *status quo* — o da sociedade Stuart, mas também o da sociedade republicana que ele ajudou a criar — jogaram-se conceitos e opções de organização social, política, administrativa e militar, de definição da identidade nacional, de carisma e de liderança, de fé, de predestinação e de liberdade, de pragmatismo e de idealismo, de vitória e de derrota, de voluntarismo esperançoso e de atrocidade. Cromwell era um homem humilde na fortaleza da sua fé mas cru e irascível, impaciente porque idealista, firmemente apostado em criar da matéria bruta da humanidade uma cidade de justos. Mas esse Cromwell que chocava os seus conterrâneos e correligionários pelos paradoxos da sua personalidade e convicções era também capaz de proclamar, quase liricamente, a excepcionalidade da sua Inglaterra, em discursos inflamados pela convicção e não pelo domínio da retórica.

Na sua visão da supremacia da Inglaterra e na sua confiança de que lhe correspondia um necessário fundo de rectidão moral encontram-se duas importantes porções do seu legado, que a posteridade não tem cessado de interpelar.